

HOMEM-ONÇA: um ser heteróclito Karipuna

Rebecca Louize Vegini
Valdir Vegini
André Karipuna
Aparecida Luzia Alzira Zuim

RESUMO

O objetivo deste artigo é oferecer algumas respostas para duas grandes indagações: o que subjaz - em termos linguísticos - a uma narrativa oral colhida durante uma conversa espontânea realizada com um indígena Karipuna (Grupo Kawahib, Família Tupi-Guarani) nas dependências da FUNAI de Porto Velho? Que papel exerce a linguagem empregada pelo narrador no desenrolar do relato e que implicações ela acarreta à mensagem transmitida e à mente do interlocutor? Lançando mão de alguns princípios semânticos e pragmáticos são oferecidas algumas explicações a respeito das pistas linguísticas e extralinguísticas deixadas pelo informante durante a narração da "História da Onça" ou do "Homem-Onça Karipuna" que fazem do texto oral apresentado uma grande e bela metáfora da vida humana em que convivem - lado a lado - os mais primitivos instintos da espécie e as mais sublimes virtudes do homem.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição oral; narrativa oral; semântica e pragmática; povo karipuna.

ABSTRACT

The aim of this paper is to provide some answers to two big questions: what underlies - linguistically - the one taken during an oral narrative performed spontaneous conversation with a native Karipuna (Kawahib Group, Family Tupi-Guarani) on the premises of FUNAI Porto Velho? What is the role of the language employed by the narrator in the course of the story and what implications it entails and the message conveyed to the mind of the speaker? Drawing on some semantic and pragmatic principles are offered some explanations about the linguistic and extralinguistic clues left by the informant during the narration of "Historia of Jaguar" or "Homem-Onça: um ser heteróclito Karipuna" that make the oral text presented a large and beautiful metaphor of human life in living - side by side - the most primitive instincts of the species and the most sublime virtues of man.

KEY WORDS: oral tradition, oral narrative, semantics and pragmatics; Karipuna people

1. INTRODUÇÃO

O que subjaz - em termos linguísticos - a uma narrativa oral colhida durante uma conversa espontânea realizada com um indígena Karipuna, grupo Kawahib, Família Tupi-Guarani (cf. consta no site da Socioambiental), nas dependências da FUNAI de Porto Velho? Que papel semântico-pragmático exerce a linguagem empregada pelo narrador no

transcurso do relato e que implicações acarreta à mensagem transmitida sobre a mente do interlocutor?

A semântica e a pragmática, quando reunidas em busca de explicações dos atos de fala do cotidiano das pessoas, formam uma dupla teórica significativa e extremamente prática para dar resposta a essas duas indagações porque seus fundamentos podem fornecer explicações profundas e interessantes a respeito da visão de mundo dos falantes e de suas intenções, mesmo em relatos míticos ou de cunho lendário.

1.1 A Semântica

A origem das línguas, a relação entre as palavras e as coisas que elas significam, as mudanças de sentido, a escolha de novas expressões, o nascimento e morte das locuções estão entre as mais antigas preocupações dos estudiosos da linguagem. Em termos linguísticos, a curiosidade dos homens, desde as mais remotas eras, pode ser definida nas questões que envolvem as relações que os signos têm com as coisas e seus significados, as coisas do mundo real às quais eles se referem.

Graças ao avanço da ciência da linguagem, algumas dessas curiosidades receberam respostas, entre as quais a de que o léxico muda em razão da visão do mundo que a estrutura lexicológica expressa ou a de que, nas línguas naturais não há sinônimos exatos. Além disso, é consenso hoje entre os estudiosos de que na classificação semântica de uma palavra estão envolvidos diversos fatores entre os quais se destacam o contexto da realidade cultural, a situação do ato da fala, a fala em si, o caráter instável da organização lexical.

Segundo Lyons (1970, p. 359-61), o léxico pode ser considerado um imenso campo associativo cujas fronteiras coincidem, a cada instante, com as fronteiras da própria cultura que a língua expressa. Por isso, tentar explicar o alcance relativo desse amplo campo associativo é também uma das funções da Semântica. Bagno (2002, p. 34) atribui à semântica o papel de estudar a relação que os signos linguísticos mantêm com as coisas que eles designam, com as coisas do mundo real às quais eles se referem. E Marcondes (2005, p. 8) define a semântica como a ciência que *“estuda o significado dos signos linguísticos, ou seja, seu modo de relação com os objetos que designam”*, como o sistema linguístico que trata do *“conteúdo significativo dos signos e da verdade das sentenças em que os signos estão incluídos”*. Assim, conclui Marcondes (2005, p. 10), a semântica *“faz abstração de variações de uso específicas e considera o significado dos termos independentemente dos usos”*.

1.2 A Pragmática

O aspecto pragmático da linguagem, afirma Dubois *et al.*, (1993, p. 480) concerne às características de sua utilização. Nesse sentido, envolve as motivações psicológicas dos falantes, as reações dos interlocutores, os tipos de socializados da fala, o objeto da fala etc. Cada ser é complemento necessário do outro e a própria unidade da linguagem é uma consequência dessa complementaridade. Não há voz solitária e única, nem voz homogênea e a intersubjetividade é uma realidade sempre presente. A linguagem sustenta Bakhtin (1999, p. 113), se constitui numa ponte entre os homens e o sentido das palavras não é transcendental nem produzido pelo contexto, mas resultante de contextos

já produzidos. Assim, a relação entre significante e significado é flutuante, está sempre em aberto. A fala não é, pois, somente cooperação, mas também conflito, persuasão, negociação.

Para um ato de fala ser bem sucedido são imprescindíveis os chamados fatores de textualidade; os linguísticos, a coesão, a coerência e a intertextualidade; e os extralinguísticos, a situacionalidade, a aceitabilidade, a informatividade e a intencionalidade. (KOKCH, 2006, p. 24). Sob o ponto de vista da pragmática, todo o enunciado precisa ser analisado tendo por base a ocorrência da frase numa situação particular. Dessa forma, cada enunciação é constituída pela visão de mundo do falante e o interlocutor vai filtrá-lo e interpretá-lo, por sua vez, com base no conhecimento prévio que tem desse mesmo mundo. Além disso, “*dizer é sempre fazer*”, afirma Austin (1990) e, portanto, os atos de fala podem mudar uma situação e gerar consequências. Num enunciado pode haver superposição de falas na medida em que o locutor dá voz a um ou vários enunciadores. Assim, os atos de fala podem ser, e geralmente o são, instrumentos de manipulação. São exemplos dessa capacidade o que se pode observar no discurso político, pedagógico, religioso e até mesmo no amoroso e publicitário. Esses atos de fala nunca se esgotam em simples instrumento de referência ao mundo externo, não são o mundo, mas apenas um saber sobre o mundo, capazes de fazerem-se intersubjetivos e de relacionar consciências.

Por conta disso, a escolha e a disposição do signo linguístico utilizado pelo falante no ato da fala não é aleatória, embora na maioria das vezes inconsciente porque os sentidos que são emprestados às palavras são elaborados coletivamente. Em parte eles são do emissor, em parte do receptor, de um lado e do outro hauridos dos grupos étnicos dos quais cada um faz parte. O discurso é um movimento sempre polifônico, nele se levantam vozes próximas ou distantes, refletidas ou não, concretas ou virtuais. Nas enunciações, revelam-se valores sociais de orientação convergente ou divergente, que pode produzir confrontos mais ou menos aberto. O mundo é sempre referenciado através de mediação e nenhum olhar se dá diretamente sobre as coisas de modo que a ambiguidade não desejada em circunstâncias específicas pode ser uma estratégia de leituras matizadas. Em síntese, a palavra é basicamente dialógica e está tão determinada por quem a emite quanto por aquele para quem é emitida.

Marcondes (2005, p. 8 e 9) define e situa a pragmática como a parte da linguística que trata da “*relação dos signos com seus usuários e como estes os interpretam e os empregam*”, como o estudo da “*linguagem em uso, em diferentes contextos, tal como utilizada por seus usuários para a comunicação*”.

1.3 Interface semântica e pragmática

Diversos estudos linguísticos já foram realizados sob a ótica da semântica e da pragmática entre os quais, para ficar em somente dois trabalhos mais próximos dos autores deste artigo, o de Bagno (2002, p. 32-38) e o de Vegini & Vegini (2009). Ao referir-se a essas duas áreas da linguística, Marcondes (2005, p. 50), baseando-se no filósofo alemão Rudolf Carnap, estabelece uma inconfundível diferença entre os objetivos de cada uma ao mesmo tempo em que mostra uma estreita relação entre elas:

Se uma investigação é feita referência explícita ao falante, ou para formularmos de um modo mais geral, ao usuário da linguagem, então

atribuímos esta investigação ao campo da pragmática... Se fizermos abstração do usuário da linguagem e analisarmos apenas as expressões e o que designam, estaremos no campo da semântica.

O estudo de uma narrativa amparado pelos fundamentos teóricos assim considerados, que associa semântica e pragmática, pode ser uma boa medida para esclarecer detalhes étnicos de um indivíduo ou de um determinado agrupamento humano.

3. METODOLOGIA

As respostas às duas principais questões de investigação apresentadas na introdução deste artigo serão dadas com base nos fragmentos teóricos acima apresentados e, portanto, o estudo da linguagem que reveste a narrativa “Homem-Onça” estará permanentemente imbricado nas idiosincrasias dos seus usuários, o autor da narrativa e a quem ela se destina, e no contexto cultural remoto, recente e atual; em outros termos, numa visão de linguagem enquanto ação, e não apenas como representação da realidade. Para isso, é preciso incluir nos pressupostos analíticos do texto detalhes acerca do narrador e/ou autor da história entre os quais a sua naturalidade, nacionalidade, origem étnica e geográfica, gênero, faixa etária, nível de escolaridade, nível econômico, frases e/ou palavras que ele utiliza para se referir ao mundo real, as circunstâncias específicas que envolvem o evento narrativo, as intenções explícitas e implícitas da mensagem, os efeitos produzidos no interlocutor, a relação da narrativa com o grupo étnico a que pertence o informante etc.

3.1 A “História da Onça” e o autor da narrativa

O “Homem-Onça: um ser heteróclito Karipuna” ou a “História da Onça”, como preferiu nomeá-la o informante, faz parte da tradição oral do povo Karipuna, grupo linguístico Kawahib da família Tupi-Guarani, que hoje reside em Terra Indígena (TI) (demarcada e homologada pelo Decreto s/nº de 09/09/1998) localizada no interior dos municípios de Nova Mamoré e Porto Velho, tendo como limites naturais os rios Jacy-Paraná e seu afluente pela margem esquerda, o rio Formoso (a leste), os igarapés Fortaleza (ao norte), do Juiz e Água Azul (a oeste) e uma linha seca ao sul, ligando este último igarapé às cabeceiras do Formoso (MEIRELES, 1983, p. 108-9; LEÃO, AZANHA, MARETTO, 2004, p. 13, AZANHA & LEÃO, 2011). O conto foi relatado por um membro dessa etnia, um jovem de aproximadamente dezoito anos de idade, residente na aldeia, filho de pai e mãe Karipuna, falante nativo da língua Karipuna/Kawahip, alfabetizado e fluente no português. A gravação foi realizada durante uma visita que os autores deste artigo fizeram aos indígenas Karipuna hospedados nas dependências da FUNAI em Porto Velho. O narrador se propôs voluntariamente a participar da coleta de dados realizada por intermédio de um gravador de voz e, ao final, também voluntariamente, assinou o “Termo de consentimento livre e esclarecido” em duas vias, uma das quais está em seu poder e outra arquivada na biblioteca da entrevistadora. Ele próprio definiu que gostaria

de falar sobre uma “História da Onça”, um relato que ouviu de sua mãe e de seu tio, os únicos dois remanescentes ainda vivos do primeiro contato ocorrido na década de 70 (MEIRELES, 1983, p. 109; LEÃO, AZANHA, MARETTO, 2004, p. 12, 16; AZANHA & LEÃO, 2011). Trata-se de uma narrativa oral transmitida de pai para filho desde tempos imemoriais. A autoria é, pois, do próprio povo e ela representa não apenas a cultura, mas também os valores, as crenças, a realidade, enfim, que sustentam a vida de seus narradores/autores. Durante a gravação, o informante não foi interrompido para não interferir na espontaneidade e muito menos no conteúdo da história.

3.2 A organização do corpus de análise

Embora o estudo linguístico concentre suas atenções na riqueza semântico-pragmática do texto oral produzido pelo informante, este tópico apresenta uma proposta de narrativa num formato próximo do português padrão escrito (4.1) tendo como objetivo imediato facilitar a compreensão da leitura da narrativa transcrita no português próximo da oralidade (4.2) e, mediato, fornecer subsídios para a elaboração de um futuro livro que contemple um amplo acervo do imaginário Karipuna de Rondônia. Para fins de análise, a transcrição oral da narrativa (4.2) foi colocada dentro de uma grande célula com cada linha precedida de numeração.

4. O CORPUS DE ANÁLISE

4.1 História do HOMEM-ONÇA: um ser heteróclito Karipuna

Havia uma mulher, uma esposa, que traía um nosso parente.

Havia também um “barreiro”, como hoje nós chamamos, aonde todos os animais iam: mutum, anta... Nosso parente ia lá, esperava os animais chegarem para se alimentar. Esperava de tocaia, numa casinha, aguardando os bichos. Quando a onça começava a esturrar *rrrruuuuuuurr-ruurrr-ruuuuuurr* ele voltava pra casa.

A mulher, que traía ele, falava para si mesma: “Ah, acho que essa onça, se quiser um dia, vai comer o meu marido”.

Todo dia ele ia lá, e o bicho esturrava. Então o homem voltava para casa, mas no outro dia ia novamente. A mulher, ficava alegre.

Até que um dia, estava o homem de tocaia, na casinha de palha, quando a onça chegou de mansinho, pintada, aquela fera brava e falou:

- O que está acontecendo, você está esperando caça? Você está fazendo o quê aqui?

- Sim, respondeu o homem.

- Eu também – falou a onça.

E foi assim que o nosso parente e a onça se conheceram e começaram a conversar. Ela falava e ele, muito triste, só dizia:

- Certo.

Depois, ele voltava para casa. Até que um dia os parentes começaram a desconfiar e lhe disseram:

- Pôxa, você vai caçar, volta e não traz nada?

- Dessa vez não deu - ele respondeu.

Num outro dia, novamente no barreiro, conversando com a onça, ele desabafou:

- Estou triste da vida, minha mulher não gosta de mim, ela me trai.

- Você quer virar como eu? - falou a onça.

Então a onça deu a unha, e a mão dele já começou a ficar tipo ouriço de castanha, que é bem grande, a pata com duas presas, uma em cima e uma embaixo, os dentes, os olhos castanhos. Ele ficou todo pintado, como uma onça pintada, aquela cara bem lisa, pele bem macia, aquele pelo bem fininho mesmo, baixo.

- Você quer mais? - disse a onça.

E deu o rabo também. Então nosso parente ficou quase todo transformado.

- Você quer conhecer onde eu me alimento, onde eu guardo a caça?

- Quero, sim.

- Então vamos lá ver?

Era na mata, numa toca, tipo um quarto, tipo uma arapuca, onde ficavam os bichos que a onça pegava. Lá havia vários bichos caçados: porco-do-mato, veado, coelho. Caíam na arapuca e ali ficavam.

Nosso parente, porém, ainda não estava totalmente transformado. Até a cintura, ele tinha cara de bicho, mas a partir dali ele ainda era gente. A cara dele já estava transformada, tinha cabelo de gente e cara de onça, era a coisa mais horrível! Além disso, ele ainda não tinha muita experiência. Então, para treiná-lo, a onça fez barulho na madeira da arapuca, bateu com a mão para os bichos saírem e o nosso parente pegar. Saiu um porco-do-mato, mas ele não pegou. A onça bateu novamente e escapou de novo outro bicho. Ele ainda não sabia caçar como uma onça. A onça bateu novamente e saiu um macaco. O nosso parente pegou e trouxe o bicho direito. Ele estava cada dia melhor, inclusive muito maior que a própria onça, quase do tamanho de um touro. Bem grande mesmo! A onça bateu de novo, ele correu e pegou uma anta grande, um bicho que até hoje é grande mesmo!

O tempo foi passando e ele se transformando. Da barriga para baixo, ele já estava como uma onça mesmo, já tinha sumido o cabelo, ficou só o pelo mesmo, pelo bem macio, baixo, todinho.

Então a onça falou:

- Agora você está bem preparado!

Foi quando, das redondezas, começaram a chegar outras onças, fecharam ao redor deles, e viram que nosso parente tinha matado uma anta, que ele estava preparado para caçar, era igual a elas, uma onça mesmo!

- Agora você está preparado para matar sua mulher e o namorado dela - falou a onça.

- Certo! – ele respondeu.

A onça começou a esturrar perto da aldeia: *rrrruuuuuuurr-ruurrr-ruuuuuurr...* Havia uma espécie de praça onde as pessoas se encontravam para namorar, como hoje. Ela falou para o nosso parente:

- Onde eles ficam namorando? Onde a sua mulher se encontra com o namorado dela? Onde eles fazem as coisas?

- No mato - respondeu o nosso parente.

E foi mostrar.

- Essa que você está vendo aí é a minha mulher e o homem é o namorado dela.

Então o meu parente chegou mais perto, sem fazer barulho, como uma onça mesmo, bem devagarinho, só na manha, chegou e pulou em cima da mulher. Depois foi a vez do namorado. Matou os dois, arrastou ambos pelo caminho em direção à aldeia e voltou para a mata. Não comeu nenhum.

Os parentes na aldeia olharam e começaram a gritar, sem reagir:

- Onça, onça! A onça matou! A onça está trazendo os mortos! O que aconteceu?

Os corpos estavam todos cheios de sangue porque ele tinha mordido na cabeça, como faz uma onça mesmo.

E daí em diante, começou a matar todos os parentes da aldeia, matando e matando.

Longe um pouco da aldeia, morava uma velhinha. Ela era a avó do nosso parente, mas não sabia que aquela onça era seu neto, sem sentimento, um bicho, onça mesmo. Até matou o irmão dele, trouxe na boca e soltou ao lado da velhinha e falou:

- Oi vó.

Vendo e ouvindo isso, a velhinha começou a pensar: "Será que esse é o meu neto, que se transformou numa onça? Ah! Essa onça é o meu neto, transformado em bicho, ele não conhece mais as pessoas e está matando todo mundo da aldeia".

A avó não sabia o que fazer; nem sabia como fazer. E ele continuava matando, levando na boca e chamando a avó:

- Oi vó!

"Devo matá-lo?", pensava a avó. "Afim, ele está matando todos os meus parentes da aldeia. Mas ele é meu neto!" - matutava a vovó.

Só restavam bem poucos parentes na aldeia, pouquinho mesmo.

Até que um dia a onça sumiu!

Desde então, nós achamos que a onça é o nosso parente porque ela é muito esperta. A onça, mesmo hoje, ela é um animal muito esperto, ela é uma fera mesmo, mas ela sente, ela mata um bicho, deixa ele ali, depois volta para comer. Então a onça tem entendimento um pouco sim. A onça é um animal traiçoeiro também, até hoje. Mas ela tem inteligência. Muita inteligência

4.2 A história da Onça

A História do HOMEM-ONÇA: um ser heteróclito Karipuna	
001	Aí tinha um parente, tinha uma mulher, uma esposa, a esposa traia ele, aí ele,
002	ele, tinha um... barrero que hoje nós chama, onde chega todos os animais,
003	mutum, anta, ia lá, esperava os animal chegá, pra se alimentá né.. Esperava né,
004	pra fazer uma tocaia, uma casinha pra aguardá, pra onde os bicho não vê ele, aí
005	onde, e a onça começava a esturrá né! rrrruuuuuuurr-ruurrr-ruuuuuurr.... Aí ele
006	chegou, voltou pra casa, aí a esposa dele como traía ele né, aí falava: Ah, acho
007	que essa onça se quisé um dia vai come meu marido. Todo dia ele ia, todo dia ele
008	ia, por isso que ela tá alegre, o bicho turrando e a mulher que ela não gostava da
009	pessoa que vai se transformar em onça né, aí ele voltava pra casa aí um dia ele foi
010	de novo. Lá. Todo dia. Aí ele chego lá, ele tava lá, lá na tocinha dele, na casinha
011	né, de palha ele faz i eu não sei fazê e a onça chego, de mansinho né, pintada,
012	aquela fera brava né, chego lá e conversou, o que que tava acontecendo, se ele
013	que tava esperando um, uma caça da onça, você tá fazendo o que aqui? Você tá
014	aguardando a caça? Eu também to aguardando a caça chegar, a onça falou.
015	Conversando né? Sim, eu to aguardando caça chegar e você? Eu também. E foi,
016	conversá né, entrar em contato. A onça e o parente. Chegou e conversou. Ele
017	tava meio... Tipo assim, não queria saber, tipo quando a mulher não gosta dum
018	cara, ele não queria saber de nada. Ia lá, dizia, certo, só. Aí todo dia ele aparecia
019	no barrero, esse local aí, se pegava muito animal, aí todo dia ele ia e a onça
020	esturrava no, no caminho ele ia, aí demorava um pouco começava a esturrá, aí a
021	mulher ficava alegre, traía ele né. A pessoa que vai se transformar em onça ele
022	comeu mesmo a onça. Comeu. Aí ele vinha pra casa. Aí ele voltou de novo, todo
023	dia ele ia lá, chegando lá, você tá aguardando... A onça chegou de novo! Você tá
024	aguardando mesmo o meu bicho? O que tá chegando que eu quero comer? A
025	onça falando né. Tô traduzindo pra você. Sim, aí ele voltou pra casa. Aí ele voltou
026	pra casa só aguardou um momento, com a onça lá e aí voltou pra casa. Aí os
027	parentes dele perguntaram: Pô, tu vai caçar, tu não traz, nem... Não traz
028	nenhuma caça... Não dessa vez não veio... Tava triste já. Tipo uma pilha
029	quando... Quando a pessoa trai e ele não queria saber nada da vida. Voltou pra
030	casa só que os parente já tavam desconfiando. Aí ele começou a conversar e aí
031	ele falou: Olha, tipo no filme do gavião ele falou, eu to triste da vida, minha
032	mulher trai... Sim, e tu quer virar como eu? A onça falou. Aí a onça, ela começou a
033	dar a unha né, foi unha, a mão já começou a ficar tipo ouriço de castanha, que é
034	bem grande, a pata né, hoje nós chama, aí deu a presa né, bem grande, duas
035	presa, uma de cima uma de baixo, e os dente, os olhos, os olhos castanhos e a...
036	ficou tudo bem pintado sabe? Aquela... Onça pintada que hoje nós chama, certo
037	né? Aí ficou aquele cara bem liso assim, onça mesmo fica bem, beeeem liso, pele
038	bem macia assim, aquele pelo bem fininho mesmo, baixo, aí ele falou assim: Você
039	quer... E deu rabo também. Você quer conhecer onde eu, onde eu, onde eu me
040	alimento? Onde eu cuido, pego, assim, já começou a falar, assim ele já tinha se
041	transformado já né. Ele falou: Quero conhecer lá, lá onde tu guarda o seu, os seus
042	bicho aí onde tu pega, quando tive com fome onde tu pega e se alimenta. Aí ele

043 falou: -Então vamu lá. Aí lá tinha porco-do-mato, veado, na impressão assim né.
044 Coelho... No mato. Aí foi lá no mato, e lá tinha... Tipo, tipo assim um quarto né.
045 No mato. Na mata, uma toca, lá tudo os bicho tava, tipo uma arapuca assim, onde
046 os bichos ficava, caía, caía aí ficava lá. Foi lá e levô esse índio que se transformou
047 na onça, igual ele. Tá bom. Vamos lá vê! Aí, só que ele transformou mas não
048 transformou direito, tava a, a frente tava a cara de bicho e o corpo pra trás tava
049 com o corpo de gente, tá entendendo. Não tava transformado direito. Aí foi e
050 levou lá naquela casa onde que tava os bicho, aí batia, fazia barulho na madeira,
051 aí saía os bicho, era pra pegar né. Como ele não tinha muita experiência, tava
052 treinando ele né. Aí bateu lá com a mão, a onça mesmo, bateu lá. Aí saiu um
053 porco-do-mato, saiu, ele não pegou. Aí foi lá no outro bateu, bateu, aí diz que
054 escapou de novo. Mas ele não sabia caçar também que ele tava, tava, pra baixo,
055 da barriga pra baixo tinha corpo de gente ainda mas a cara dele já tava, tipo ele
056 tinha cabelo de gente e cara de onça, ele tava aquela coisa mais horrível. Aí ele
057 não sabia, aí foi lá bateu de novo, e saiu de novo animal, aí deu, pegou levou pra
058 casa lá e chegou lá ele trouxe um direito. A onça levou pra casa no mato. Aí ele
059 levou pra casa né. A onça levou pra casa, eu acho que era fêmea a onça não sei,
060 aí chegou lá e já se, com a barriga pra baixo, como onça mesmo, já sumiu o
061 cabelo, já ficou só o pelo mesmo, pelo bem macio, que hoje é bem maciozinho,
062 baixo, tudinho, chegou lá e daí, agora você tá bom! Aí bateu de novo, noutra vez,
063 tipo um quarto, chegou lá e bateu, aí ele já tinha experiência, foi lá e pegou! O
064 bicho. Pegou, pulou nele, pegou e daí falou, você tá com medo, quando você for
065 matar a sua mulher que ela não sabe, que te traía, você vai tá preparado pra isso.
066 Isso que a onça tava falando pro, pro que transformou, pro que era gente certo. É
067 aí ele pegou o bicho, ele foi lá e bateu e ele pegou o bicho. Depois foi pra casa,
068 transformou em onça, aí foi de novo, um macaco, que tava lá, tipo numa casinha,
069 bateu lá aí saiu e aí pegô! Aí ele transformou em onça né, aí ele foi lá onde
070 pegava bicho e já foi ainda melhor que antes. E ele já tava muito maior do que a
071 onça, já tava quase do tamanho de um touro eu acho. Bem grande mesmo! Ele
072 foi lá e bateu lá e pegou a anta, grande, um bicho grande mesmo, ainda hoje.
073 Pegou e daí falou: Agora você tá bom. Dali as onças, as onças mesmo, começou a
074 chegar ao arredor, fechou e fechou ao arredor, ele tava falando que ele tava bom
075 mesmo pra caçar, tava igual ele, tava uma onça mesmo! Tavam olhando, matou a
076 anta e ... e as outras onça do mato também chegô e ficou arrodado. E olharam e
077 falou que ele tava bom e era assim que ele ia matar a esposa dele com o
078 namorado. Certo? Aí chegou, chegou a onça e começou a esturrá perto, perto da
079 aldeia. rrrruuuuuurr-ruurrr-ruuuuuurr... Aí a onça mesmo perguntou praquele
080 que se transformou, aí perguntou onde que, a esposa dele que ficava namorando
081 tipo uma praça né. Hoje tem a praça. Aí lá as pessoa se encontra com o
082 namorado e aí namora, mesmo assim né. Aí tinha um local né. Aí ele falou onde
083 que a tua esposa com o namorado dela, ela se encontra onde com ele, onde tem
084 relação... No mato. Aí ele falou tudo. Aí ele falou: é ali! Ele falou onde eles se
085 encontravam, onde eles tinham caso e tudo, aí ele falou e foi lá e se escondeu
086 atrás da mata. Aí lá vem eles dois conversando, lá vem eles, daí ele, essa aqui é a
087 minha esposa que tá vindo, matá os dois, aí ficaram lá tendo caso, namorando lá,
088 no mato. Aí ficaram olhando, a onça mesmo só tava lá acompanhando, olhando

089 né. E perguntou se era a esposa dele e se esse era o traidor que traia ele né. Aí
090 chegou lá e olhou e ficou olhando. Aí ficaram lá olhando, e eles começaram a
091 fazer as coisas né, aí chegou e pegou primeiro a esposa né. Por trás. Tava lá,
092 chegou bem mais perto, uma onça mesmo, onça mesmo ela não faz barulho,
093 chegou bem devagarzinhuuu, só na manha, chegou lá e... Pulou em cima da
094 esposa. Aí ele matou os dois. Aí ele pulou em cima da esposa e depois ele foi no
095 namorado. E matou os dois e aí ele foi pelo caminho. Com os mortos. Não comeu
096 nada. Ele pegou e levou pra aldeia, levando... Aí os parentes: onça, onça!!
097 Ficaram tudo assustado. – Onça trazendo os... morreu, matou.. os parentes dele
098 ficaram tudo preocupado. E tava tudo cheio de sangue, ele tinha mordido na
099 cabeça, ela morde na cabeça mesmo a onça. Aí trazendo os dois, assim... morto
100 né. Aí os pessoal: tá trazendo os finado, o que que aconteceu? A onça... Mas
101 também não reagiram. Daí foi lá e deixou no terrero. Daí esses dois ele deixou no
102 terrero e dali ele voltou. Daí ele começou a matar os parente que tavam na
103 aldeia, aí tinha uma velhinha, que morava longe assim um pouquinho da aldeia,
104 qui dava uns mil metro, a velhinha, depois mato os outro parentes e foi matando
105 os outro. Aí ele começou a matar as pessoa que tavam na aldeia e a vó dele não
106 sabia que que tava acontecendo, a vó desse que se transformou em onça. Pensou
107 que era onça mesmo que tava matando os parente dela, aí ele matou o irmão
108 dele, ele já era, não tinha pensamento, era bicho mesmo, matou o irmão dele e
109 trouxe pra vó. Ela não sabia quem, quem que matou os parente dela, ela pensava
110 que, a vó dele né, pensava que era uma onça mesmo né que tava matando. Aí ele
111 matou o irmão dele e trouxe na boca e soltou lá na velhinha e falou: Oi vó. Aí ela
112 começou a pensar, aí ela começou, esse é o meu neto que se transformou em
113 onça. Aí ele chamou de vó e a vó: Ah... é o meu neto que transformou em bicho...
114 e tá tendo... não conhece mais a pessoa e começou a matar tudinho as pessoa
115 aqui da aldeia, começou a matá, e a matá... E a vó não sabia nem.. Se matava ele
116 que, sempre que ele chegava ele chamava de vó e matava tudinho, e levava e
117 chegava e falava: Oi vó. Ela entendia que ela era a vó. Então ele transformou em
118 onça e ele chegava e falava: vó. Era ela a vó dele né. Daí ela ficava... Não sabia
119 nem como é que matava ele né. Que ele era o neto dela né. Mas os parente tava
120 matando tudinho da aldeia. Aí começou a matá, matou, matou aí fico bem pouco,
121 era muito menos, pouquinho mesmo né. Daí ele sumiu essa onça. Aí desde aí,
122 hoje nós acha que é nosso parente que tem pata grande mesmo, que é a onça,
123 hoje mesmo né, e ele é muito esperto, onça é mesmo hoje ele é muito esperto,
124 ele é um animal uma fera mesmo, mas ele é, ele sente, ele mata um bicho ele
125 deixa ali, volta de novo pra comê, pra depois. Então ele tem, hoje ele não tem
126 muito mas ele tem entendimento um pouco sim. Certo? Ele é traiçoeiro também
127 hoje. Mas ele tem inteligência. Muita inteligência.

5. ANÁLISE LINGUÍSTICA

“A história da onça” ou “A história do Homem-Onça”, a partir do relato original, dispensaria qualquer análise dada a beleza da história em si e a riqueza linguística que lhe subjaz. Assim, qualquer trabalho analítico, independente da opção teórica utilizada, será sempre uma tentativa fragmentária.

5.1 Fatores linguísticos: alguns aspectos semânticos

A coerência textual e busca do sentido da narrativa transcrita em 127 linhas, em fonte 12 e espaçamento simples, é obtida, em sua grande parte, por nós coesivos tradicionais da linguagem oral como “*aí*” ou “*daí*” (94 vezes), “*né*” (38 vezes) e mais raramente “*então*” (3 vezes), “*certo*” (4 vezes), “*tipo assim*” (2 vezes), elos entre a informação nova e a velha, e, simultaneamente, instrumentos de manutenção do turno e de garantia da atenção do ouvinte. Com esse mesmo intuito, acrescido da orientação locativa do ouvinte, o informante utiliza pistas dêiticas entre os quais se destacam “*lá*” (50 vezes) e “*aqui*” (3 vezes), “*aí*” (2 vezes), “*ali*” (2 vezes), e de termos anafóricos tais como “*assim*” (11 vezes) e “*isso*” (3 vezes).

As palavras-chave que sustentam o desenrolar da narrativa e lhe dão coesão e coerência se concentram em termos do campo lexical relacionado à “*onça*” (50 vezes), “*matar*” (28 vezes), “*bicho*” (17 vezes), “*mulher/esposa*” (17 vezes), “*vó/velhinha*” (16 vezes), “*parente*” (12 vezes), “*mato/mata*” (11 vezes), “*esturrar*” (5 vezes).

Observa-se ainda a utilização do recurso da intertextualidade, que denota a influência da cultura da sociedade urbana na fala do informante como, por exemplo, expressões “*tipo*” ou “*tipo assim*” (12 vezes) ou frases como: “*Tava triste já. Tipo uma pilha*” (linha 28); “*Olha, tipo no filme do gavião ele falou, [...]*” (linha 31); “*a esposa dele que ficava namorando tipo uma praça né. Hoje tem a praça. Aí lá as pessoa se encontra com o namorado e aí namora, mesmo assim né*” (linhas 80-2); “*chegou bem devagarzinhuuu, só na manha,*” (linha 93), sem falar dos aspectos prosódicos, o alongamento vocálico da palavra “*bem*” registrado na transcrição como “*beeeem*”: “*Aí ficou aquele cara bem liso assim, onça mesmo fica bem, beeeem liso, pele bem macia assim, aquele pelo bem fininho mesmo*” (linha 37).

Nada, porém, é tão expressivo em termos semânticos, pragmáticos (com se verá) e prosódicos (para um estudo futuro) como o uso que o informante faz do intensificador “*bem*” (13 vezes) e “*mesmo*” (26 vezes) no desenrolar da história. Direta ou indiretamente relacionados à onça e suas características formam uma estratégia argumentativo-expressiva bem montada para descrever, qualificar e potencializar o maior felino (ou antropofelino?) das matas amazônicas e para asseverar a autenticidade do que está sendo dito como mostrou Austin (1990) e como detalhou Grice (*apud* Slobin, 1980, p. 261-271):

BEM

“*tipo ouriço de castanha, que é bem grande, a pata né, hoje nós chama, aí deu a presa né, bem grande, [...] ficou tudo bem pintado sabe? [...] onça mesmo fica bem, beeeem liso, pele bem macia assim, aquele pelo bem fininho mesmo, [...]*” (linhas 33-8); só o pelo mesmo, pelo bem macio, que hoje é bem maciozinho, baixo, tudinho (linhas 60-2); já tava

quase do tamanho de um touro eu acho. *Bem* grande mesmo (linhas 70-1); Tava lá, chegou *bem* mais perto, [...], chegou *bem* devagarzinhuuu, (92-3); Aí começou a matá, matou, matou aí fico *bem* pouco (linha 120);

MESMO

comeu *mesmo* a onça. (linha 22); você tá aguardando *mesmo* o meu bicho? (linha 24); onça *mesmo* fica bem (linha 37); aquele pelo bem fininho *mesmo* (linha 38); aí bateu lá com a mão, a onça *mesmo*, bateu lá (linha 52); como onça *mesmo* (linha 60); ficou só o pelo *mesmo* (linha 61); bem grande *mesmo* (linha 71); bicho grande *mesmo* (linha 72); tava bom *mesmo* pra caçar (linha 74-5); tava uma onça *mesmo* (linha 75); aí a onça *mesmo* perguntou (linha 79); e aí namora, *mesmo* assim né (linha 82); a onça *mesmo* só tava lá (linha 88); uma onça *mesmo*, onça *mesmo* (linha 92); ela morde na cabeça *mesmo* (linha 99); era onça *mesmo* que tava matando (linha 107); era bicho *mesmo* (linha 108); era uma onça *mesmo* né (linha 110); pouquinho *mesmo* né (linha 121); tem pata grande *mesmo* (linha 122); hoje *mesmo* né, e ele é muito esperto, onça é *mesmo* hoje (linha 123); uma fera *mesmo* (linha 124).

Muitos outros detalhes relativos a esta temática poderiam se explorados, mas, para os objetivos deste artigo, os apresentados parecem ser suficientes.

5.2 Fatores extralinguísticos: alguns aspectos pragmáticos

5.2.1 Situacionalidade

A “História da Onça” ou da “História do Homem-Onça: um ser heteróclito Karipuna” contada por um indígena muito jovem, filho e sobrinho dos dois únicos remanescentes do primeiro contato promovido por uma expedição comandada por Benamour Fontes na década de 70 do século passado (MEIRELES, 1983; LEÃO, AZANHA, MARETTO, 2004; AZANHA & LEÃO, 2011) com certeza deve conter a essência do que foi repassado pelos mais velhos às gerações mais novos do grupo étnico Karipuna. Todavia, dadas as circunstâncias em que esse relato foi produzido, de um lado, um indígena já inserido na sociedade brasileira e, de outro, uma aluna de mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia, nas dependências da FUNAI em Porto Velho e não no habitat natural do narrador, isso por si só certamente determinou mudanças na linguagem utilizada e, mesmo que sutis, também em alguns detalhes da história narrada. São exemplos disso são as expressões “*tipo*” ou “*tipo assim*” (17, 28, 31, 33, 44, 45, 55, 63, 68, 81) ou a referência à “*pilha*” (linha 28), ao “*gavião*” (linha 31) e à “*praça*” (linha 81) como já mencionado em 5.1. Essas inserções expressivas ou sentenciais com certeza não fazem parte do relato primitivo. Além disso, é muito provável que o informante também não contaria essa história para seus parentes da mesma forma que o fez na hospedagem da FUNAI em Porto Velho diante de um gravador de uma entrevistadora. Ou seja, os signos linguísticos, sua interpretação e emprego se adaptam, muitas vezes, ao contexto e aos usuários presentes no cenário da comunicação.

5.2.2 Aceitabilidade

A pesquisadora fez uma proposta, que foi pronta e espontaneamente aceita pelo informante. Dadas essas condições, coube ao narrador preencher a espinha dorsal da narrativa com diversas pistas lexicais, nós coesivos, expressões mantenedoras de turno, palavras ou expressões utilizadas no português corrente da sociedade urbana da capital

(5.1) emprego de intertextos como *“tipo no filme do gavião ele falou”* (linha 31), *“chegou bem devagarzinhuuu, só na manha,”* (linha 93), recursos prosódico como o alongamento vocálicos em *“beem”* (linha 37) e, modulações de voz (não registradas na transcrição) e termos apelativos dirigidos diretamente à pesquisadora como *“Tô traduzindo pra você”* (linha 25), *“tá entendendo”* (linha 49). Tudo em nome da manutenção da atenção da interlocutora, da busca da coerência e da compreensão e, conseqüentemente, da aceitabilidade da informação que está sendo repassada.

5.2.3 Informatividade

Esse aspecto pragmático foi buscado pelo informante por meio de muitas estratégias, a maior delas a história em si. Ao longo de toda a narrativa o suspense é mantido e vai ganhando dramaticidade a cada passo pela expectativa de uma tragédia cada vez mais iminente. Entre a primeira frase do texto *“Aí tinha um parente, tinha uma mulher, uma esposa, a esposa traia ele”* (linha 1) e o sumiço da onça *“Daí ele sumiu essa onça.”* (linha 121-2), conversas, transformações, treinamentos, manhas, ataques, mortes e desespero vão se sucedendo de forma progressiva e trágica como ocorre, por exemplo, entre o neto e a avó: *“esse é o meu neto que se transformou em onça. Aí ele chamou de vó e a vó: Ah... é o meu neto que transformou em bicho”* (linha 113); com a vingança final: *“Aí começou a matá, matou, matou aí fico bem pouco, era muito menos, pouquinho mesmo né”* (linha 121); ou com a consumação da incorporação derradeira e eterna do homem na onça e da onça no homem: *Aí desde aí, hoje nós acha que é nosso parente que tem pata grande mesmo, que é a onça, hoje mesmo né [...]”*. De fato, Vanoye (1987, p. 24) tem razão: *“Quanto mais imprevisível for a mensagem, maior será a informação”*.

5.2.4 Intencionalidade

A partir do momento em que o informante aceitou e ele mesmo definiu a história que queria narrar, *“a História da Onça”*, ficou clara a sua intenção e, a partir daí, seu esforço para satisfazer a expectativa criada na mente da pesquisadora são evidentes como vão mostrar os fragmentos da narrativa colocados nas considerações finais. Nos porões na narrativa, porém, há um recado oriundo de uma tradição imemorial, que revela valores sociais de orientação comportamental. Embora recôndita, essa é a intencionalidade ou a mensagem mais densa da *“História da Onça”* do grupo étnico Karipuna.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, a *“História da Onça”* não é a história da onça e nem do *“Homem-Onça”*, mas uma descrição da *psique* humana, uma grande e bela metáfora da vida e da trajetória do *homo sapiens* no planeta Terra em que convivem – lado a lado – os mais primitivos instintos da espécie e as mais sublimes virtudes do homem, como mostram alguns excertos retirados da narrativa e retranscritos abaixo.

A dissimulação:

Aí ele chegou, voltou pra casa, aí a esposa dele como traía ele né, aí falava: Ah, acho que essa onça se quisé um dia vai come meu marido. (linhas 5-7); *“Aí tinha um parente, tinha uma mulher, uma esposa, a esposa traia ele”* (linha 01); *“Aí ele chego lá, ele tava lá, lá na tocainha dele, na casinha né, de palha ele faz i eu não sei fazê e a onça chego, de*

mansinho né, pintada” (linha 011); “Aí ele falou onde que a tua esposa com o namorado dela, ela se encontra onde com ele, onde tem relação... [...] é ali! Ele falou onde eles se encontravam, onde eles tinham caso e tudo, aí ele falou e foi lá e se escondeu atrás da mata, (linhas 084, 085, 086); “daí ele, essa aqui é a minha esposa que tá vindo, matá os dois, aí ficaram lá tendo caso, namorando lá, no mato. Aí ficaram olhando, a onça mesmo só tava lá acompanhando, olhando né. E perguntou se era a esposa dele e se esse era o traidor que traia ele né. Aí chegou lá e olhou e ficou olhando. Aí ficaram lá olhando, e eles começaram a fazer as coisas né” (linhas 86-91); “uma onça mesmo, onça mesmo ela não faz barulho, chegou bem devagarzinhuuu, só na manha”, (linhas 92-3); “Daí ele sumiu essa onça” (linha 121); “Ele é traiçoeiro também hoje” (linha 126) .

O conluio:

“Sim e tu quer virar como eu? A onça falou” (linha 032); “Você quer... E deu rabo também. Você quer conhecer onde eu, onde eu, onde eu me alimento? Onde eu cuido, pego [...] ele já tinha se transformado já né” (linhas 40-1); “quando você for matar a sua mulher que ela não sabe, que te traía, você vai tá preparado pra isso” (linhas 64-5); “E olharam e falou que ele tava bom e era assim que ele ia matar a esposa dele com o namorado (linhas 76-8).

A perversidade:

“aí chegou e pegou primeiro a esposa né. Por trás. [...], onça mesmo ela não faz barulho, chegou bem devagarzinhuuu, só na manha, chegou lá e... Pulou em cima da esposa. Aí ele matou os dois. Aí ele pulou em cima da esposa e depois ele foi no namorado. E matou os dois e aí ele foi pelo caminho. Com os mortos. Não comeu nada. Ele pegou e levou pra aldeia, levando” (linhas 91-6); “E tava tudo cheio de sangue, ele tinha mordido na cabeça, ela morde na cabeça mesmo a onça”, linhas 098-9; “Daí ele começou a matar os parente que tavam na aldeia” (linhas 201-3); “Aí ele começou a matar as pessoa que tavam na aldeia [...] aí ele matou o irmão dele, ele já era, não tinha pensamento, era bicho mesmo, matou o irmão dele e trouxe pra vó (linha 105-9); “Aí ele matou o irmão dele e trouxe na boca e soltou lá na velhinha e falou: Oi vó”, linhas 110-1; “e começou a matar tudinho as pessoa aqui da aldeia, começou a matá, e a mata” (linhas 114-5).

A traição:

“aí a esposa dele como traía ele né, aí falava: Ah, acho que essa onça se quisé um dia vai come meu marido. Todo dia ele ia, todo dia ele ia, por isso que ela tá alegre, o bicho turrando e a mulher que ela não gostava da pessoa que vai se transformar em onça né” (linhas 6-8); “no caminho ele ia, aí demorava um pouco começava a esturrá, aí a mulher ficava alegre, traía ele né” (linhas 21-1)

A tristeza:

“Tava triste já. Tipo uma pilha quando... Quando a pessoa trai e ele não queria saber nada da vida” (linhas 28-9); “ele falou, eu to triste da vida, minha mulher trai” (linhas 31-2).

A compaixão:

“Aí os parentes: onça, onça!! Ficaram tudo assustado. – Onça trazendo os... morreu, matou.. os parentes dele ficaram tudo preocupado” (linhas 96-8); “aí tinha uma velhinha, que morava longe assim um pouquinho da aldeia, qui dava uns mil metro, a velhinha, [...] e a vó dele não sabia que que tava acontecendo, a vó desse que se transformou em onça. Pensou que era onça mesmo que tava matando os parente dela, [...]. Ela não

sabia quem, quem que matou os parente dela, ela pensava que, a vó dele né, pensava que era uma onça mesmo né que tava matando. [...] Aí ela começou a pensar, aí ela começou, esse é o meu neto que se transformou em onça. [...] é o meu neto que transformou em bicho... e tá tendo... não conhece mais a pessoa [...]. E a vó não sabia nem.. Se matava ele que, sempre que ele chegava ele chamava de vó e matava tudinho, e levava e chegava e falava: Oi vó. Ela entendia que ela era a vó. Então ele transformou em onça e ele chegava e falava: vó. Era ela a vó dele né. Daí ela ficava... Não sabia nem como é que matava ele né. Que ele era o neto dela né” (103-20).

Bem, “*Daí ele sumiu essa onça*” (linha 121), que é quando chegou a hora de mascarar a realidade e mitificá-la numa história fabulosa; que é quando o homem deixa de ser homem e a onça deixa de ser onça para se transformar num ser singular, eclético, o heteróclito HOMEM-ONÇA Karipuna, esperto, traiçoeiro, inteligente, muito inteligente.

Aí desde aí, hoje nós acha que é nosso parente que tem pata grande mesmo, que é a onça, hoje mesmo né, e ele é muito esperto, onça é mesmo hoje ele é muito esperto, ele é um animal uma fera mesmo, mas ele é, ele sente, ele mata um bicho ele deixa ali, volta de novo pra comê, pra depois. Então ele tem, hoje ele não tem muito mas ele tem entendimento um pouco sim. Certo? Ele é traiçoeiro também hoje. Mas ele tem inteligência. Muita inteligência. (linhas 121-7)

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AZANHA, Gilberto. LEÃO, Maria Auxiliadora Cruz de Sá. *Karipuna de Rondônia*. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Karipuna-de-rondonia/print>>. Acesso em: 10/07/2011.
- BAGNO, M. *Português brasileiro?: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2002.
- BAKTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.
- DUBOIS, et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- LEÃO, A. de C. S. *Diagnóstico final e avaliação de impactos nas terras indígenas Karitiana, Karipuna, Lage, Ribeirão e Uru-eu-wau-wau*. Brasília: EIA-RIMA/IBAMA, 2004.
- LOPES, E. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. SP: CULTRIX, 1995.
- LYONS, John. *Linguagem e linguística*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARCONDES, Danilo. *A pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2005.
- MEIRELES, D. M. *Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia*. Cuiabá: UFMT, 1983. Monografia.
- SOCIOAMBIENTAL. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/karipuna-de-rondonia/1335>>. Acesso em: 5 Jun. 2012.
- SIMON, M. L. M. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/10.htm>>. Acesso em: 5 Jun. 2012.
- SLOBIN, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: EDUSP, 1982.
- VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VEGINI, V. ; VEGINI, R. L. Fatores linguísticos e extralinguísticos em texto produzido por alunos do 4º ano do ensino fundamental I. *II Seminário de Educação: Interculturalidade, Políticas Públicas e Educação Escolar*, 2009.